

Mística de Edith Stein: uma mística na contemporaneidade?

Yan Piorno*

A Mística na contemporaneidade é um desafio para as religiões tradicionais, pois cada vez mais as pessoas preferem as relações efêmeras sem o compromisso perseverante com estas instituições. Se considerarmos a passagem da modernidade para a pós-modernidade, ou seja, das grandes narrativas para a adequação de várias narrativas de acordo com o interesse ou conformidade do sujeito, a religião é vista como algo exclusivo e privado, onde são apenas acolhidas as verdades convenientes ao interesse de cada um. A prática religiosa é como um “supermercado” em que só se consome o que é atraente, prático e rápido. Por outro lado, o discurso pesado e punitivo de um cristianismo medieval e ainda remanescente não parece fazer sentido para as pessoas desta era. Diante deste quadro, como Edith Stein pode contribuir para outra perspectiva mística?

Edith era, com certeza, uma mulher moderna e protagonista de sua vida e desejos. Ninguém pode acusá-la de ter sido inebriada por qualquer ilusão religiosa. Seu comportamento autônomo foi, desde cedo, apoiado pela família, apesar dos inúmeros desapontamentos. Muito nova, apesar de ser judia, assumiu o ateísmo e, depois de uma experiência espantosa¹, se converteu ao cristianismo ao ponto de entrar na vida religiosa. Esta dinâmica cristã alcançou grande velocidade e desenvolvimento, como se soubesse que teria sua vida abreviada.

Podemos ter um contato com a mística da Santa considerando dois aspectos: a própria vida e a obra *Ciência da Cruz*², isto porque ambos os aspectos, talvez por ação de Deus, acabam se envolvendo, como se uma obra tornasse realidade na vida do próprio autor. Por isso, vamos fazer uma breve disposição histórica da vida de Edith Stein nos pontos relevantes a simbiose com a obra.

*Aluno do curso de Teologia PUC-RJ

¹ *Edith ficou muito surpreendida pela reação tranquila de uma amiga que tivera seu marido recém-falecido*

² *Estudo de Edith sobre as obras de São João da Cruz*

Vida

Edith nasceu em Breslau, em 1891, no dia 12 de Outubro, dia da festa “*Yom Kippur*”, festa judaica do grande perdão de reconciliação do Povo com Deus³. Mais tarde ela é executada no campo de concentração junto com sua irmã, dando testemunho de reconciliação em meio às trevas.

Seu pai morreu quando ela ainda não tinha dois anos. Desde então, com muita fortaleza, sua mãe assume a direção do comércio da família e de seus setes filhos órfãos. Edith deve ter herdado da sua mãe toda tenacidade, comportamento voluntarioso e destemido.

Stein, desde cedo procurava descobrir as coisas e obter conhecimento, aos quatro anos não queria ficar no jardim de infância porque só havia brincadeiras e ela queria estudar as matérias da escola. Quando fez seis anos veio como presente de aniversário o ingresso na escola. Sempre foi uma estudante aplicada, principalmente em História e língua alemã.

Na adolescência, continuava a ser boa estudante, mas parece que a escola não lhe apetecia mais. Ela queria novos conhecimentos e resolveu sair da escola. Passou dez meses em Hamburgo, na casa de parentes, e ficou longe dos hábitos religiosos. Substituiu as rezas pelas leituras na Biblioteca. Aos treze anos se declarou atea, mas não perturbou a família, indo aos cultos judaicos e rezando com os seus. Depois voltou aos estudos e os completou.

Stein perturbou mesmo a família quando disse que queria cursar História e Filosofia na Universidade. Todos queriam que ela seguisse uma profissão que pudesse dar dinheiro a ela, como a advocacia. Depois de muito a perturbarem, a sua mãe deu um basta e exigiu que ninguém mais perturbasse a sua filha sobre as escolhas dela. Até aqui podemos observar três características que serão fundamentais para a experiência mística da santa: convicção do que quer realizar, autonomia de escolhas e generosidade. Esta última vai além da boa relação com a religião da família, apesar do

³ c.f.: *Josaphat, Carlos. As Santas Doutoras: espiritualidade e emancipação da Mulher, pg. 149*

ateísmo, mais adiante veremos como ela é muito altruísta e exercita a alteridade.

Em 1911, Edith entra empolgada na Faculdade de Filosofia, em Breslau. No início pegou várias disciplinas, tudo de acordo com seus interesses. Já estava sedenta pela busca da Verdade e encontrou nas orientações de Edmund Husserl, já em Göttingen, nas veredas da fenomenologia, o caminho promissor para descobrir seu objeto de desejo. Participou da Sociedade Filosófica estudando fenomenologia e se empenhou muito nos estudos filosóficos e permaneceu muito longe das práticas religiosas da época que vivia com sua mãe. Até que conheceu um discípulo de Husserl, Reinach, que a orientou em pesquisa e a influenciou religiosamente como veremos depois.

Em 1914, estourou a Primeira Guerra Mundial, a Grande Guerra, interrompendo as aulas, obrigando Edith a voltar a Breslau. Foi assim que, impulsionada pela generosidade, resolveu dar auxílio a Cruz Vermelha. Voluntariamente aprendeu algumas práticas de enfermagem e de ginecologia, a fim de ajudar nos partos. Queria muito trabalhar nos hospitais em frente de batalha, mas acabou ajudando num hospital local e adquiriu bastantes experiências de amor ao próximo. Neste período, passou numa prova de magistério com nota máxima em Göttingen e logo em seguida pediu para entrar no Serviço Sanitário da Cruz Vermelha, acabou conseguindo trabalhar, sem titubear, na Áustria, para desespero e, apesar disso, apoio da sua mãe. Chegando ao Hospital de Mährisch foi destinada a tratar dos doentes de tifo, como auxiliar de enfermagem. Apesar da total inexperiência e diante de uma demanda de sessenta pacientes ela não temeu e, pelo contrário, se dispôs com grande entusiasmo e disposição para aprender bem rápido a fim de dar um atendimento mais qualificado. Não demorou muito para ela ficar excessivamente abarrotada de trabalho, mas esta oportunidade a fez desenvolver muito o dom da caridade.

Três meses depois em seu pavilhão, Edith recebeu uma dispensa, mas ela achou que ainda poderia ajudar mais, então ela foi transferida para um setor de cirurgias. Num determinado momento eles receberam cerca de mil feridos de guerra. Esta quantidade não a deixou preocupada, pelo contrário, ficou mais

empolgada, pois poderia se dedicar mais aos que sofrem. Não era uma decisão ou sentimentos masoquistas, ela estava experimentando a alegria de servir ao próximo e observar os detalhes simples que faziam um ser humano feliz com poucos gestos ou recursos, como, por exemplo, um banho. São pequenos gestos de caridade que podem nos levar a transcendência. Depois de um ano de sacrifício sacerdotal de cuidado com outrem e vencida pelo cansaço extremo, ela, mesmo relutante, resolveu descansar um pouco, mas, alguns meses depois, as atividades foram encerradas.

Temos que lembrar que neste período voluntarioso, Edith era atea, livre de qualquer interesse escatológico, de desenvolvimento ou evolução espiritual, ou de manutenção de *status quo*, etc. Ela desejou ajudar motivada por uma profunda generosidade e gratuidade cultivada no seu interior. Podemos observar que esta espécie de predisposição garantiu que a experiência de ajuda ao próximo fosse profundamente aproveitada e gerou bons frutos a sua personalidade e no seu modo de ver o mundo. Estas sementes serão germinadas e darão bons frutos após sua conversão.

Depois deste período, Stein volta para a Universidade, mas se questionando sobre a importância de seus empreendimentos acadêmicos, pois ainda estava afetada com a recente experiência de encarar o sofrimento humano, mas como era determinada continuou, com todo empenho, seus estudos e investidas acadêmicas até se formar como doutora de Filosofia. Mas saber que a guerra continuava e que muitos dos seus amigos morreram nela, além da lembrança do contato com os feridos de guerra a deixava inquieta e abatida.

Um dos amigos mortos foi o Reinach que era casado com sua amiga Anna. Edith foi convocada pela amiga para arrumar os escritos do seu falecido marido. De pronto a santa atendeu ao pedido, pois estava preocupada com o estado da amiga e queria, sem saber como, consolá-la. Mas para surpresa da Filósofa Edith a sua amiga não estava desolada ou desesperada. A viúva estava com saudades do marido, mas seu semblante e comportamento demonstravam profunda paz e esperança. Esta postura inquietou

muito a filósofa que começou a se indagar: Qual a razão deste comportamento? Foi quando a Anna falou de Cristo e do sentido da Cruz para a ressurreição a Edith.

A santa ficou tão impressionada com o que Anna dizia que chegou a anotar seu conteúdo, mais tarde Edith disse que este foi seu primeiro encontro com Cristo e com sua Cruz como força divina que emana força a quem a abraça. Neste momento sua incredulidade caiu e Cristo se elevou radiante diante dela,⁴mas ainda não era a conversão total dela.

Depois da morte do filho de Husserl, de toda pressão da Guerra e de insatisfação acadêmica, Stein pede para sair. Saiu e viveu profundo vazio e angústia, para ela ainda não havia encontrado a Verdade.

Conversão

Edith nunca revelou o seu momento de conversão, mas permitiu que pudéssemos concluir que gradativamente Ele foi ganhando espaço dentro dela. Com certeza um momento fundamental de sedução divina foi quando ela foi visitar um casal de amigos por um tempo. Numa tarde em que o casal saiu deixando a santa sozinha permitiu que ela entrasse na biblioteca da casa e encontrasse um livro que a seduziu: Vida de Santa Tereza d'Ávila. Ela leu o livro com grande entusiasmo sem parar até que, depois de finalizar a leitura, chegou à conclusão: Esta é a VERDADE!⁵

Ora, o objeto de desejo desde a infância, que permaneceu nas investidas acadêmicas fora achado numa estante da biblioteca de uns amigos. Foi o acaso? Bem, para Edith aquele momento foi definitivo, o momento tão esperado e almejado. Parece que toda investigação e angústia encontra um lugar tranquilo na presença de Deus. Mesmo assim, Stein não se entrega às emoções e segue um caminho de entendimento sobre o que aconteceu com ela.

Nesta investida, procurou participar de uma Missa e para seu espanto tudo lhe parecia familiar e ficou muito à vontade com a liturgia e a celebração do Cristo Ressuscitado. Logo em seguida se apresenta ao pároco e pede para ser batizada. Por prudência do

⁴ Pedra, José Alberto. *Edith Stein: uma santa em Auschwitz*, pg.30

⁵ Pedra, José Alberto. *Edith Stein: uma santa em Auschwitz*, pg. 31

padre, ela passou por uma preparação, foi batizada, recebeu a primeira comunhão e, um mês depois, foi crismada. A partir daí seguiu fervorosa na fé.

Carmelo e a Noite Escura

Até este momento pegamos as principais características da personalidade da Edith Stein e agora entraremos na visão e testemunho místico da santa. Vamos pegar uma obra dela e fazer uma espécie de garimpo teológico para retirar suas perspectivas místicas declaradas. Faremos este garimpo no livro *Ciência da Cruz*, empreendimento em que a santa fez um compêndio da obra de São João da Cruz. O olhar sobre os escritos de São João da Cruz motivou a santa a fazer inúmeras reflexões teológicas e filosóficas deixando legado místico. Além disso, iremos vincular seus pensamentos místicos à sua experiência última: a Noite Escura do campo de concentração.

Edith sempre desejou ter um encontro íntimo com Deus, se entregar totalmente e dedicar suas capacidades à obra do Senhor. Muito cedo, já desejava ir ao carmelo, mas somente depois de doze anos de convertida pode viver a vida enclausurada. Certamente influenciada por Santa Tereza d'Ávila e provavelmente pelo profeta judeu Elias. Em 15 de Abril de 1934 ela tomou o hábito carmelita e, pra si, o nome Tereza Benedita da Cruz, mostrando outras influências: a vida monástica de São Bento e a Cruz como o mistério de Cristo que desejava conviver com o Cordeiro. Algo já falava ao seu coração de que tipo de vida/morte iria viver, mas Edith nunca olhou para Cruz como algo triste ou penoso. Ela já compreendia o que iria reforçar com os estudos de São João da Cruz: a Cruz é o momento de intimidade com Deus. Quem não quer estar íntimo com seu Amor? Seria este um desejo de sofrimento ou de pura contemplação amorosa?

No Carmelo, Stein custou a entrar nas dinâmicas hodiernas, visto que não havia muita intimidade com as tarefas diárias como lavar, cozinhar e etc. Mesmo assim se alegrava com o novo jeito de viver e conviver. Uma mudança radical na vida da Doutora em Filosofia, com certo reconhecimento acadêmico, e professora admirada para ser uma freira escondida dos reconhecimentos e valores mudanos.

Apesar desta vida estancada do mundo exterior o perigo a rodeava e as notícias aterrorizantes de fora dos muros do Carmelo preocupavam a todas as irmãs, o Nazismo já estava brutalmente atacando e prendendo os judeus. Até que num plebiscito descobriram que Edith não era ariana. A partir daí fizeram de tudo para que ela não fosse capturada. Tentaram convencê-la a sair da Alemanha, mas Edith amava seu país e se rejeitou a fugir. Depois de muitas tentativas de convencimento conseguiram levá-la para se refugiar na Holanda.

Inicia a Grande Guerra e em 1940 os Alemães conquistam a Holanda: o tormento retorna. Dois anos depois iniciaram as atividades nos campos de concentração, em dois de agosto de 1942, para um carro da polícia em frente ao convento e saem dois oficiais que perguntariam pontualmente por Edith e sua irmã Rosa⁶. A Gestapo foi rude e firme na sua investida, em nenhum momento cedeu aos apelos das irmãs que tentavam argumentar com todas as premissas possíveis, mas nada amolecia a pedra que carregavam no peito. Rosa chorava e Edith, confiante, disse: “Vamos, Rosa, vamos ao encontro do nosso povo.” Não tem como não remeter à agonia no Horto das Oliveiras, depois de grande angústia ao ponto de suar sangue, Jesus disse o seu “basta!”. Parece que Edith também entendeu de que Cruz ela deveria vivenciar: o número 44074 em Auschwitz.

A Cruz para Edith é experimentar um profundo vínculo com Deus, que se manifesta de modo diferente em cada uma pessoa, um trajeto da alma para Deus e ação de Deus na alma, união das almas com o criador e plenitude de incalculável felicidade de sua vida divina, já nesta vida. Edith não remetia esta experiência a um momento futuro, pelo contrário, era para ser vivido no hoje de cada um, sendo um espiritualidade que dinamize a experiência junto com o mundo.

Outro ponto da espiritualidade de Stein é a da referência da Noite Escura de São João da Cruz. Resumidamente, a noite não é um símbolo visível como o da Cruz, ela nos envolve e esconde as

⁶ Rosa, irmã de Edith, também se converteu e entrou na vida carmelita, muito antes das ameaças nazistas. Rosa teve total inspiração e apoio de Stein.

vivências do dia-a-dia ou dá outro olhar sobre estas realidades, outra iluminação. A experiência da Noite se dá passivamente e ativamente. Este último quando a pessoa deseja se desprender das coisas que a afasta de ter um encontro íntimo com Deus. Já a passiva quando resolve se jogar nos braços do Amor, até mesmo os pensamentos, a fim de depender totalmente dos desígnios amorosos do Senhor.

Podemos concluir que Edith, esta mulher firme, protagonista e forte, vivenciou estas duas dimensões místicas em sua vida e de forma intensa no campo de concentração. A Cruz a fortalecia e enchia de esperança no momento mais terrível de sua vida. A Noite Escura lhe foi imposta, mas ela não deixou de vivenciar com grande alegria.

Segundo testemunhos, Edith, na clausura de morte do campo de concentração, testemunhou em silêncio, consternada e sem medo um semblante de paz que encontrou a Verdade Plena em nove de Agosto de 1942.

Referências

- PEDRA, João Alberto. Edith Stein: Uma Santa em Auschwitz. 1.ed. Curitiba: Edições Rosário, 1998.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti; YUNES, Eliana. Profetas e profecias: Numa visão interdisciplinar e contemporânea. 1.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- JOSAPHAT, Carlos. As Santas Doutoras: espiritualidade e emancipação da Mulher. 2.ed. São Paulo: Edição Paulinas, 2005.
- A SÉTIMA MORADA: SANTA EDITH STEIN. Direção: Marta Meszaros. Produção: Paulinas Comep. Ano de lançamento: 2007. Tempo: 110 min. Cor: Colorido. Midia: rmvb, 236 mb. Recomendação: livre.
- STEIN, Edith. A mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça; tradução Alfred J. Keller. 1. ed. Bauru: EDUSC, 1999.
- STEIN, Edith. A Ciência da Cruz; tradução D. Beda Kruse. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.